

## ANGÚSTIAS PRECOSES, *RÊVERIE* MATERNA, DESTINOS DA VIOLÊNCIA

**Maria Teresa Casanova Sá**

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém  
teresacasanov@clix.pt

### Resumo

A autora propõe-nos, a partir do vértice da teoria psicanalítica, uma reflexão sobre a dualidade da natureza humana, onde coabitam forças de ligação e de desligamento, de construção e de destruição, de amor e ódio, de cuja integração depende a construção do psiquismo e os destinos da violência. A partir dos conceitos de *rêverie* materna e de função alfa (Bion) reflecte sobre a função das primeiras experiências relacionais e vinculativas na díade mãe-bebé para o assentamento narcísico e para a contenção, apaziguamento e transformação da violência pulsional primitiva e das angústias precoces. Postula-se que estas angústias, quando insuficientemente acolhidas e metabolizadas, conduzirão a criança a um incremento dos mecanismos de projecção, de evacuação violenta e do agir. A progressiva interiorização desta função de protecção e de significação, assegurada pelo envolvimento materno, virá a constituir-se como o primeiro acompanhante interno que auxiliará a criança no controle e transformação da violência do impulso e na construção de um sistema de pensamento simultaneamente capaz de se ler a si mesmo e de ler e compreender os estados emocionais do Outro (empatia).

**Palavras-chave:** Violência fundamental; *Rêverie* materna; Função alfa; Imbricação pulsional; Empatia.

### Abstract

The author proposes, through the vertex of psychoanalytic theory, a reflection on the duality of human nature, inhabited by forces of connection and disconnection, of construction and destruction, of love and hate, whose integration is fundamental for the construction of the psychological world and the destinies of violence.



Based on the concepts of maternal *rêverie* and alpha function (Bion), the author reflects on the functions of the first relational and linking experiences in the mother-infant dyad for the building of narcissism and for the containment, appeasement and transformation of the primitive instinctual violence and primitive anxieties. It is postulated that these anxieties, when insufficiently fostered and metabolized, will lead the child to an increasing usage of the mechanisms of projection, violent evacuation and acting out. The progressive internalization of this protective and signifying function, assured by maternal involvement, will become the first internal companion that will help the child to control and transform the instinctual violence and to build a thinking system, with the capacity to simultaneously read himself and to read and understand the emotional states of the Other (empathy).

**Keywords:** Fundamental violence; Maternal *Rêverie*; Alpha function; Instinctual imbrication; Empathy.

*A agressividade é, de todas as tendências humanas, a que se encontra mais frequentemente escondida, disfarçada, desviada, atribuída a instâncias exteriores e, quando aparece, é sempre difícil de remontar até às suas origens. (Winnicott, 1984 a)*

### Preâmbulo

1- Uma pequena localidade no norte da Alemanha, em vésperas da primeira Guerra Mundial, é atingida por uma série de crimes misteriosos e cruéis que culminam na agressão brutal a uma criança deficiente. À medida que a história nos vai sendo contada, vamos-nos aproximando dos seus autores: o grupo de crianças da aldeia. Tenho de contar esta história, diz-nos o narrador, pois suspeito que o que veio a seguir esteja com ela relacionado. As crianças que vemos neste filme serão os jovens adultos protagonistas do III Reich. O que o extraordinário filme "O Laço Branco" de Michael Haneke (2009) nos mostra, numa incursão lúcida e desassombrada ao âmago do ser humano, é a forma como a educação, por meio do medo e da repressão, vai, insidiosa e silenciosamente, criando os germens do que virá a seguir. É uma história que nos fala das raízes e dos destinos da violência.



2- *“De acordo com nossa hipótese, os instintos humanos são de apenas dois tipos: aqueles que tendem a preservar e a unir, que denominamos eróticos (...) e aqueles que tendem a destruir e matar, os quais agrupamos como instinto agressivo ou destrutivo (...) Isto não é senão uma formulação teórica da universalmente conhecida oposição entre amor e ódio.(...) Não devemos entretanto ser demasiado apressados em introduzir juízos éticos de bem e de mal (...) os fenômenos da vida surgem da acção confluyente ou mutuamente contrária de ambos (...) De nada vale tentar eliminar as inclinações agressivas dos homens (...) pode-se tentar desviá-las num grau tal que não necessitem de encontrar expressão na guerra. (...) Tudo o que favorece o estreitamento dos vínculos emocionais entre os homens actua contra a guerra. Esses vínculos podem ser de dois tipos: em primeiro lugar podem ser relações semelhantes àquelas relativas a um objecto amado, embora não tenham uma finalidade sexual. O segundo vínculo emocional é o que utiliza a identificação. Tudo o que leva os homens a compartilhar interesses importantes produz essa comunhão de sentimento, essas identificações (...) A estrutura da sociedade humana baseia-se neles, em grande medida (...) Quanto tempo teremos de esperar até que o restante da humanidade se torne pacifista? Não podemos dizê-lo (...) Por que caminhos ou por que atalhos isto se realizará, não podemos adivinhar. Mas uma coisa podemos dizer: tudo o que estimula o crescimento da civilização trabalha simultaneamente contra a guerra”.*<sup>1</sup>

3- Não existe um factor que por si só possa explicar a violência. Como para todo o fenómeno humano e complexo, a busca de compreensibilidade pede o concurso de diferentes olhares e abordagens: sociológica, antropológica, neuro-fisiológica, psicológica, filosófica. A Psicanálise, colocando a questão da ontogénese da violência e dos seus destinos na integração dos afectos libidinais e agressivos, assim como nas transformações bem ou mal sucedidas das tendências que fazem parte da natureza original do ser humano, dá, em nosso entender, um contributo essencial para pensar o impensável e ligar o que parece desligado, colocando-se no lugar das forças da civilização no seu combate contra a barbárie.

## Do Bullying

---

<sup>1</sup> Extractos da correspondência entre Sigmund Freud e Albert Einstein, in S. Freud, S. (1933). Why War ?. In: The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Volume XXII . p. 203-216. (tradução da autora)



*Bullying: forma de violência entre pares com a intenção de magoar outra pessoa, da qual resulta medo, dor e angústia para a vítima. Trata-se de um comportamento que se caracteriza pela ameaça ou agressão (psicológica ou verbal) de forma intencional e repetida e que ocorre sem motivação evidente.<sup>2</sup>*

Isolando os componentes desta definição, deparamo-nos com um comportamento agressivo – com intenção de causar dano – dirigido por uma criança ou jovem a um seu igual, sentido por alguma razão como mais fraco, do qual resulta medo, humilhação e um acréscimo de poder do agressor sobre a vítima.

O facto de não existir uma “motivação evidente”, não se tratando de uma violência em resposta a qualquer ocorrência, ataque ou ameaça externa visível (agressividade de auto-defesa), torna inoperante o recurso a um modelo compreensivo simplificado do tipo estímulo-resposta.

Uma grelha de leitura mais complexa é-nos entretanto proposta pela teoria psicanalítica, ao postular que o ser humano é habitado por uma zona não visível/não evidente, que escapa ao controle da consciência e que determina e motiva uma parte do nosso comportamento, assim como a existência de um dinamismo interno inconsciente, presente desde o nascimento, em que poderosas forças e pulsões de ligação e desligamento, destruição e construção, amor e ódio, se opõem, conflituam e encontram diferentes saídas consoante a sua carga e as experiências que os encontros intersubjectivos viabilizam ou impedem.

O comportamento agressivo, repetido e prolongado, no fenómeno de *bullying*, afasta-o de um mero agir impulsivo, sinalizando uma perturbação dos materiais psíquicos com os quais a criança ou jovem construiu o seu mundo interno. Emerge aqui como predominante a pulsão de domínio e de controle, a tentativa de anulação da existência do outro como sujeito e a predominância de modalidades de funcionamento psíquico muito primitivas em que mecanismos de projecção permanecem como via prioritária para resolver angústias e conflitos internos, expressando simultaneamente a falência dos processos de transformação, recalçamento, inibição e sublimação das pulsões agressivas.

A circunstância de o alvo deste comportamento ser uma outra criança ou jovem/um igual, frequentemente visto como mais frágil, aproxima-nos de um

---

<sup>2</sup> Sexualidade em Linha, IPJ URL, Novembro 2008



mecanismo de defesa face à angústia que a teoria psicanalítica designou como “identificação ao agressor”. Trata-se de um ataque na pessoa do outro ao que é vivido pelo próprio como insuportável – a sua parte frágil, infantil e desprotegida (a angústia, o medo e a dor que o sujeito viveu algures no seu passado) – sentimentos que o outro/a vítima (na sua fragilidade, angústia, medo e dor) personifica, presentifica, relembra e reaviva, assumindo desta vez o agressor/antiga vítima o papel activo, o que lhe permite um domínio e controle destes sentimentos através da aniquilação do outro que os exhibe. Como refere André Green (2000) “quando a aparência do outro se aproxima demais do que eu detesto reconhecer em mim, aspiro a fazer voar essa forma em pedaços”. Também Phillippe Jeammet (2005) nos fala desta modalidade de defesa contra a angústia:

*“La violence est pour eux un moyen de renversement de ce qu’ils craignent de subir et de reprendre une maîtrise qu’ils étaient en train de perdre. L’acte violent est alors le moyen de figurer sur la scène externe, et par là de contrôler, ce qu’ils ne pouvaient représenter au niveau d’un Moi sidéré par la massivité des affects et d’un espace psychique effacé où le jeu subtil des déplacements de représentation est remplacé par les mécanismes plus archaïques de projection, de renversement dans le contraire et de retournement contre soi (...) la seule issue en est l’expulsion de l’excitation désorganisant sur un élément du cadre extérieur (qui n’est pas nécessairement l’objet d’investissement initial) sur lequel il va chercher à exercer un contrôle tout-puissant et une maîtrise qu’il ne peut appliquer à ses émois internes.”*

A insensibilidade da criança/jovem agressor ao sofrimento infligido a outra criança/ jovem, faz supor um comprometimento da capacidade de se colocar no lugar do outro, que associamos a uma perturbação das trocas na díade mãe-bebé, relação intersubjectiva inaugural em que as angústias, vulnerabilidade e fragilidade primitivas (angústia, dor e medo) ao serem respondidas e contidas por um adulto protector, sensível e responsivo, permitem à criança a experiência de uma primeira sintonização afectiva (Stern)<sup>3</sup>, ao mesmo tempo que a possibilidade de uma identificação primitiva com esta função materna, que lança as raízes da empatia. Com efeito, várias

<sup>3</sup> Daniel Stern (1985) introduziu o termo «accordage affectif» para descrever um nível de relação que ocorre entre o recém-nascido e a sua mãe, em que, a partir dos elementos discretos das interacções, estes são introduzidos num movimento de sintonização quase musical, através do qual as acções dos sujeitos se orientam em torno de uma acção comum produzindo e sentindo em cada um, uma emoção ou uma intenção para lá do acontecimento discreto produzido.



observações no âmbito da psicologia infantil têm demonstrado que crianças que não conheceram a empatia têm dificuldade em reconhecer a alteridade, permanecendo centradas em si próprias, realizando experiências em que o outro, humano ou animal, é reduzido ao lugar de objecto, desapossado da sua categoria de sujeito.

O facto do comportamento designado como *bullying* ser com grande frequência um fenómeno grupal, chama-nos igualmente a atenção para o poder de atracção que as forças destrutivas exercem sobre os indivíduos, crianças ou adultos, participantes activos ou passivos na encenação que se desenrola sob os seus olhos, como se, através do *bully*, agissem silenciosamente os seus próprios impulsos.

### Da Dupla Face da Violência

*Violência: "Qualidade do que age com força".*

Dicionário Littré

A etimologia da palavra violência (*vis*, em latim, a força) e um dos seus usos correntes "tomar pela força", introduz-nos na sua dupla vertente: por um lado, uma dimensão pulsional vital e, por outro lado, uma dimensão destrutiva.

A violência é inerente à vida, existe em todo o fenómeno vivo, está profundamente ancorada num organismo que, para nascer e para se desenvolver, tem que a usar. Se a violência serve no mundo animal à sobrevivência do indivíduo e da espécie, também no humano está presente em todas as fases do desenvolvimento.

Numa conversa epistolar com Einstein, Freud (1932) defende que a sociedade está sob o impacto de duas forças: a força constrangedora da violência e a força dos laços emocionais entre os seus membros. Assinalando o papel fundamental que cabe aos processos de identificação nos destinos da violência, refere que a identificação é o termo técnico para designar estes laços e que a força utilizada para dominar um adversário supõe que eles não intervenham, dado que são precisamente os laços de identificação que, permitindo sentir o sofrimento do outro, colocam um travão ao livre exercício do desejo e da vontade de controle e de domínio. Como assinala Cyrulnik (2006) "*L'empathie est le contrepoint de l'agression: je peux tuer la fleur si je n'ai pas la conscience de lui faire de mal*".

O que nos tem vindo a mostrar a clínica psicanalítica, através do acompanhamento de casos singulares, é que a violência na infância se inscreve no quadro de complexas relações da criança com o seu ambiente, que o destino da



violência se enlaça na qualidade do encontro intersubjectivo, nos laços emocionais estabelecidos com os adultos próximos, na solidez do assentamento narcísico primário e nos processos de identificação. Estas ideias foram amplamente desenvolvidas por vários psicanalistas como Melanie Klein, Joan Riviere, Hanna Segal, Winnicott, Bion e André Green.

A observação clínica de bebés confronta-nos com a intensidade das primeiras experiências do recém-nascido. Nos primeiros meses de vida, como refere André Green (2000), há algo que age com força no interior do bebé, que faz pressão no seio do psiquismo para obter satisfação, algo que poderíamos designar como violência instintiva ou pulsional. O seu objectivo é encontrar o objecto de acalmia para uma tensão que se traduz internamente em desequilíbrio, descontinuidade e ruptura. O factoda satisfação não ser de imediato garantida, gera uma força tensional que domina o conjunto da relação com o objecto, num estágio em que este não é ainda distinguido como tal. Jean Bergeret (2000) falaria de uma “violência fundamental”, referindo-se a este instinto de conservação/ sobrevivência, uma pulsão que não seria boa nem má em si mesma, mas expressão de uma necessidade vital. A força (violência) não seria aqui senão a forma através da qual se manifesta a necessidade e a urgência de fazer desaparecer a tensão. Se através deste instinto o Outro sofre um dano, não podemos falar ainda propriamente de intenção, dado que o sujeito ainda não reconhece o objecto como tal, diferenciado, e não se preocupa senão com os seus próprios interesses. Daniel Stern (1985) considera-os como “afectos de vida”, uma sensorialidade e vitalidade primitiva constitutiva da intersubjectividade humana.

O encontro desta zona primitiva (Id) com o objecto que satisfaz a necessidade (mãe-ambiente) cria entretanto um laço, uma relação. Se o objecto não estivesse lá, esta ruptura de equilíbrio não poderia senão exprimir-se pelo mal-estar, desespero e vazio, “uma voz clamando no deserto”, como refere André Green (2000). Mas o facto de o objecto lá estar, disponível para ser agarrado, permite uma importante transformação: as pulsões destrutivas e objectais podem iniciar o caminho da integração. Prazer-desprazer, bom-mau, amor-ódio, podem começar a entrelaçar-se e a violência fundamental, diríamos, a humanizar-se. Dada a necessidade de renúncia à satisfação pulsional imediata, a violência fundamental vai entretanto sofrer, desde muito cedo, em contacto com esse meio/o Outro, um processo de maturação e transformação. Mas para que esta renúncia inevitável e maturativa possa ser suportável para o bebé, ela deverá conjugar-se com a sensibilidade, a disponibilidade e a resposta contingente do ambiente. O fracasso da resposta inviabilizará a



integração desta violência, podendo conduzir a estruturas de personalidade nas quais é a violência fundamental que se torna organizadora da personalidade, captando quantidades elevadas de libido com fins agressivos, masoquistas ou sádicos. Nos casos mais satisfatórios, esta violência é colocada ao serviço de eros, sob o primado da relação objectal. É desta integração, desta humanização, possibilitada por um encontro humano, que dependerá a posterior organização psíquica do sujeito.

E contudo, como refere André Green (2000), esta integração não é nunca definitiva, podendo reaparecer directamente ao nível do indivíduo, mas também do grupo, por ocasião de conflitos sociais (por exemplo, na guerra), de cada vez que se coloca o dilema fundamental: Ele ou Eu, Eles ou Eu.

A agressividade continuará a ter, ao longo da infância, um papel fundamentalmente defensivo e de auto-conservação. Pode mesmo ser considerada como uma extensão do amor-próprio ou do narcisismo e uma defesa contra o que é percebido como uma ameaça à identidade e integridade do Eu. Será também utilizada em diferentes momentos do desenvolvimento para por à prova e verificar a consistência do ambiente e muito em particular dos pais e dos adultos, exprimindo-se de igual modo em situações de rivalidade, para controlar e dominar as situações e as pessoas, para manter o seu lugar ou ocupar o lugar do outro.

Os contos para a infância e os seus protagonistas (lobos, monstros, feiticeiros, ogres ou bruxas) assim como os jogos infantis (tal como os mitos, no caso das sociedades) ilustram bastante bem todas as formas fantasmáticas da violência (fragmentação, devoração, morte, abandono). As sociedades humanas construíram-se ora limitando esta violência, através de interditos fundamentais (do assassínio, do canibalismo, do incesto), ora ritualizando-a, sublimando-a, canalizando-a para outros objectos e para outros fins (rituais, sacrifícios, bodes expiatórios, competições, produções culturais). Também a educação encerra uma certa violência, uma violência necessária à autonomização e à humanização progressiva da criança, dado que implica cortes com as formas de satisfação e equilíbrio anteriores, castrações simbólicas na terminologia de Françoise Dolto (1982), que permitem à criança aceder a uma maior abstracção e simbolização: o desmame, os limites à onipotência, a aceitação da triangulação edipiana. Estas violências educativas podem entretanto ser integradas pela criança quando lhe trazem o benefício do crescimento e da subjectivização.



A violência inscreve-se assim no quadro geral do desenvolvimento da criança e da sua vida de relação, ocorrendo um progressivo trabalho de transformação, recalçamento e inibição, que marca a progrediência do crescimento e que irá permitir relações mais satisfatórias com os outros. A disponibilidade da figura materna, a presença de um terceiro/pai, a maneira como a criança vê respondidas as suas necessidades e introduzidas as frustrações obrigatórias nas diferentes etapas do desenvolvimento, tornam-se fundamentais para o seu crescimento.

### **Vinculação, Rêverie Materna e Integração Pulsional**

A família é, para a grande maioria das crianças, o primeiro quadro de desenvolvimento, o primeiro lugar de vida, das primeiras emoções, das primeiras trocas, das primeiras aprendizagens. Os laços que a criança estabelece com os adultos afectivamente significativos – os que exercem as funções parentais – vão lançar as bases da organização psíquica e ajudar a integrar as pulsões libidinais narcísicas e objectais, eróticas e agressivas. Esta dinâmica interactiva continua a ser estudada pelos psicanalistas e pelos psicólogos infantis.

Para a Psicanálise, os primeiros laços afectivos constituem uma espécie de herança sentimental, no interior da qual se processa o desenvolvimento psíquico do sujeito e a partir da qual se constroem as ferramentas internas onde se filiam os modos dominantes de aprendizagem e as modalidades de relacionamento ao longo da vida.

Supõe-se que os alicerces da personalidade se desenvolvam nos primeiros diálogos tónico-emocionais entre o bebé e a mãe, espaço de intensas transacções afectivas. Toda uma parte do nosso cérebro é construída pela interacção com o meio e as estimulações afectivas numa idade muito precoce são vitais para estruturar os instrumentos cognitivos e emocionais de que a criança se servirá para gerir as suas emoções, se relacionar com o mundo e se interessar pelo mundo mental dos outros. Como refere Cyrulnik (2006) :

*“cette performance intellectuelle n'est possible que pour les espèces qui possèdent un lobe préfrontal - support de l'anticipation, donc de l'angoisse - connecté avec le circuit limbique, circuit des émotions, de la mémoire. Si on n'a pas cette organisation neurologique, on n'a pas la possibilité de donner sens à ce qu'on perçoit. Pour que je sois gêné par le mal que je*



*fais, il faut cependant que j'aie une représentation du temps, une mémoire, une expérience. L'ontogenèse de l'empathie se met donc en place uniquement s'il y a des manipulations et des contacts précoces qui vont créer de l'expérience » e acrescenta « mon monde intime est rempli par autrui, parce qu'il a été gentil, qu'il s'est inquiété pour moi... Sans altérité, je suis comme un enfant lobotomisé”*

Segundo a Teoria da Vinculação (Guedeney & Guedeney, 2004) as primeiras trocas de co-regulação afectiva entre a criança e as suas figuras de vinculação são progressivamente interiorizadas, construindo, como postulou Mary Ainsworth (1974), “modelos operantes internos” que a orientarão na leitura dos seus estados emocionais, na leitura das disposições do outro a seu respeito e nas suas futuras relações sociais. As primeiras experiências vinculativas constituem assim o protótipo dos laços de amor cujo modelo fica presente em cada um de nós até à morte.

Quando este amor é demasiado ferido por vivências disruptivas, de abandono, de rejeição, de indisponibilidade, existe dor física / sofrimento mental e formam-se ao nível infraverbal, visceral, muscular, núcleos onde se enredam a violência, o medo e o desespero. Forma-se, como refere Green (2000) “*uma memória do desamor que funciona durante toda a vida de modo traumático, isto é, repetitivo, puxando o sujeito para trás, sob a forma de anti-crescimento*”, levando à utilização de defesas muito primitivas contra a dor, sob a forma de auto-destruição ou agindo os conflitos e destrutividade no exterior. Tal é a trama do filme “laços brancos”, com o qual iniciámos a nossa reflexão.

O bebé tem necessidade de criar uma experiência feliz assente no par que estabelece com o corpo da mãe, uma experiência que, como foi descrita por Winnicott (1967), a partir de uma de boa ilusão, lhe permita o sentimento de continuidade de existência e um suporte narcísico que o prepare para a experiência de desilusão que se seguirá ao encontro com o Outro como objecto diferenciado. Este processo de desilusão, que é também o encontro com o princípio da realidade e com a temporalidade, é tanto mais suportável e o Outro tanto mais objecto de desejo, quanto a primeira experiência de fusão tiver sido satisfatoriamente vivida.

Esta primeira relação fornece à criança, vulnerável por condição biológica, uma base segura, simultaneamente protectora e vitalizadora das funções corporais e psíquicas emergentes. Garantido este assentamento narcísico, o encontro com o



Outro poderá neste ser vivido como um enriquecimento e não como um empobrecimento do Eu.

O recém-nascido é objecto, no decurso dos primeiros meses de vida, de agressões externas e internas em relação às quais se encontra, dada a sua imaturidade neuro-motora, indefeso e impotente. Este estado de desamparo inicial, leva a que esteja numa dependência absoluta de um Outro/mãe que lhe garanta a satisfação das suas necessidades e põe cobro ao estado de tensão e desequilíbrio que elas originam. O bebé necessita, para resolver este mal-estar, da presença protectora, filtrante e securizante do adulto, o que Freud (1926) designaria como função de pára-excitação <sup>4</sup>:

*“O ser da primeira infância não está de facto equipado para dominar psíquicamente as grandes quantidades de excitação que chegam do exterior ou do interior. Numa certa época da vida, o interesse mais importante é, efectivamente, que as pessoas das quais dependemos não nos retirem a sua terna solicitude”.*

Através de um processo que a teoria psicanalítica viria a designar por identificação projectiva (Klein) o bebé introduz na mente materna o estado de angústia ao qual não é ainda capaz de conferir nome nem sentido e que, por isso mesmo, é vivenciado como insuportável. Bion (1962) introduz os conceitos de continente/conteúdo e de função alfa para falar desta função materna que segura, contém, desintoxica e confere significado(s) aos estados emocionais iniciais do bebé (*elementos beta*, factos não digeridos, incapazes de se ligarem entre si e que não podem senão ser expulsos). Esta função foi designada como capacidade de *rêverie*, correspondendo a um estado mental da mãe descrito como de calma receptividade para sentir e acolher o que lhe chega do bebé e lhe atribuir um significado.

A mente materna, em estado de *rêverie*, cumpre então uma verdadeira função de alfabetização, uma função de transformação da violência fundamental em estados emocionais toleráveis, que podem então ser reintrojectados pelo bebé, assim como a própria função, desenvolvendo-se no seu interior um aparelho para conter as emoções e pensar os pensamentos. A identificação com esta ferramenta materna permite à

---

<sup>4</sup> Freud assinalou em “Inibição, Sintoma e Angústia” que a situação traumática que o recém-nascido vive como perigo é a situação de acréscimo de tensão que resulta da necessidade contra o qual é impotente



criança a construção de um bom acompanhante interno que a auxiliará numa primeira gestão e controle dos seus estados emocionais.

Como refere Hanna Segal (1975):

*“quando um bebé tem uma angústia intolerável, enfrenta-a projectando-a dentro da mãe. A resposta da mãe é a de aceitar esta angústia e de fazer o necessário para atenuar o sofrimento do bebé. A percepção da criança é então a de ter projectado qualquer coisa de intolerável dentro do seu objecto, mas que o objecto foi capaz de a conter e de a enfrentar. Pode então reintrojectar, não a angústia originária, mas uma angústia modificada, porque foi contida. Introjecta simultâneamente um objecto capaz de conter e enfrentar a angústia. A contenção da angústia por um objecto interno capaz de compreensão é a base da estabilidade mental.”*

Bion assinalaria também que a estabilidade psíquica pode ficar comprometida quando, por alguma razão, a mãe não é capaz de oferecer esta rêverie que dá um significado à experiência. Neste caso, o bebé fará a experiência de que o significado não existe e, em consequência, poderá manter-se num estado de terror perante o desconhecido, experiência referida pela primeira vez por Karin Stephen (1941) como “nameless dread” (terror sem nome), designando o terror de absoluta impotência da criança perante a tensão instintual e a violência fundamental.

Em condições normais do desenvolvimento a criança beneficia de um ambiente que a protege. Pelo final do primeiro ano de vida a maior parte das crianças adquiriram já um estilo afectivo que impregna o cérebro e lhes dá a possibilidade de se socializarem. A vinculação a uma figura segura (mãe ou outra figura de ligação) permite à criança guardar uma representação do outro dentro de si e partir, desejante e confiante, à descoberta de outros Outros e do mundo. A evolução maturativa associada à qualidade dos cuidados maternos permitirá ao bebé combinar uma experiência de busca de satisfação e busca do objecto com a experiência agressiva (imbricação das pulsões narcísicas e objectais, da agressividade e do amor). Torna-se então possível albergar no mesmo lugar da mente, lado a lado, amor e agressividade, dirigidos à mesma pessoa, poder sentir-se co-autora e responsável pelas relações que estabelece e pelos danos que a sua agressividade provoca no outro e iniciar um ciclo benigno em que, ao lado do ímpeto agressivo, existe a possibilidade de, através da



sua acção, reparar, contribuir, construir alguma coisa (criar) que reinstale a confiança nas partes boas do self e o vínculo com o exterior.

Podemos aproximar o conceito de *rêverie* materna e o ciclo de projecção/introjecção correspondente com o conceito de “função de espelho” de Winnicott (1965) que se refere a um estado materno onde o bebé se veria reflectido, um verdadeiro “espelho emocional”, primeira via através da qual a criança inicia a apreensão dos seus estados interiores. Respostas atempadas criam o bom, um bom que torna a criança capaz de fazer face ao mau, ao que causa desprazer e impõe desvios ao desejo e que introduz a frustração. O importante é que o bom tenha sido experimentado e que esteja suficientemente presente para que possa ser reencontrado. Se isso for possível, a criança poderá transportar a figura securizante consigo e não se deixar submergir pela cólera ou pelo desespero. Mas quando, por algum motivo, estes processos ficam comprometidos, a emoção passa rapidamente ao acto agressivo, com falência das funções internas de fantasmática. O fantasma torna-se realidade, é agido.

Como refere Joan Riviere (1965), o amor e a compreensão do meio fornecem um mundo estável no qual a criança pode sentir que as forças e as pulsões destrutivas e perigosas dentro de si se confrontarão com uma resistência e serão controladas e que os sentimentos e as tendências boas serão satisfeitas e encorajadas. As tempestades internas do desejo, da raiva e do terror, podem então encontrar uma saída sem a levar a confrontar-se com o desamparo, o desespero e a destruição, sentimentos de que se defenderá pelo incremento do mecanismo de projecção com fugas para a realidade.

A *rêverie* materna comporta assim um aspecto reparador e transformador no que respeita à violência pulsional e uma dimensão que poderíamos qualificar de pedagógica, na medida em que a mãe, modelo vivo de tratamento dos problemas, deseja inconscientemente que a criança venha a aplicar este tratamento a si própria. Oferece-lhe suporte e recursos para o futuro. A *rêverie* materna constitui-se como um modelo de valor ético para toda a relação, pois a preocupação com o bom desenvolvimento do Outro é aqui fundamental.

Diz-nos Phillipe Jeammet (2005):



“Toda a acção que consiste em cuidar de uma criança tem por objectivo essencial ligar a destrutividade. Mas o que quer dizer ligar? Ligar quer dizer conferir um sentido, associar este sentido às manifestações de um sujeito que não se pode apropriar dele (...) Ligar é reunir intrapsiquicamente e intersubjectivamente. O que ficou ligado não faz desaparecer a potência do desligamento. Ela é somente embalada, adormecida, convidada a sonhar”.

Conscientes que o desumano faz também parte do humano, sabemos que a vida recoloca, em cada uma das suas etapas, uma permanente tarefa de ligação e de transformação da parte destrutiva, através da sua integração nos vínculos emocionais. Quais os destinos da violência? Não podemos prevê-lo, mas, tal como Freud, continuamos a pensar que tudo o que favoreça o estreitamento dos vínculos emocionais entre os homens actua contra a violência. Esta é a tarefa de onde a educação de uma criança retira o seu desafio principal e o seu fim último.

### Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. (1974). *The Development of Infant-Mother attachment*, Reviews of Child Development. Chicago: University of Chicago Press.
- Bergeret, J. (2000). *La violence fondamentale ou l'inépuisable Oedipe*. Paris: Dunod.
- Bion, W.R. (1962). *Une théorie de la pensée*, in *Aux Sources de L'Experience*. Paris: P.U.F.
- Bion, W.R. (1966). *Eléments de la Psychanalyse*. Paris: P.U.F.
- Bion, W. R. (1987). *Emotional Turbulence in Bion Clinical Seminars*. London: Fleetwood Press.
- Cyrulnik, B. (2006). *Vous avez dit Ontogenèse de l'empathie?* In *Café Pédagogique* (online), reportage par P. Picard, cited 1er novembre 2006.
- Dolto, F. (1982). *L'image inconsciente du corps*. Paris: Seuil.
- Freud, S. (1915/1972). *Pulsions et destin des pulsions*. Collection idées. Paris: Gallimard.
- Freud, S. (1926/2005). *Inhibition, symptôme et angoisse*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1933). *Why War?* In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Volume XXII (1932-1936): New Introductory Lectures on Psycho-Analysis and Other Works* (pp. 203-216). London: Standard Edition.



- Guedeney, N. & Guedeney A., (2004). *Vinculação, conceitos e aplicações*. Lisboa: Climepsi.
- Green, A. (2000). *Sources, poussées, buts, objets de la violence in L'enfant, ses parents et le psychanalyste*. Paris: Ed. Bayard.
- Jeammet, Ph. (1998). *Comportements violents et psychopathologie de l'adolescence in L'illégitime violence*. Paris: Ed. Eres.
- Jeammet, Ph. (2005). *La violence a l'adolescence: une défense identitaire*, in Proceedings of the 1th simpósio internacional do adolescente, 2005, [online] São paulo , cited 24 february 2010.
- Segal, H. (1975). Un approccio psicoanalítico al trattamento delle psicosi. Tr. it. in: Scritti psicoanalitici, Astrolabio Ubaldini, 1984, p.143-144.
- Stern, D. (1985). *The Interpersonal World of the Infant: A View from Psychoanalysis and Developmental Psychology*. New York: Basic Books.
- Riviere J. & Klein, M. (1937). *L'amour et la haine*. Paris: Payot.
- Winnicott, D. (1965). *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*. London: Hogarth Press.
- Winnicott , D. (1967/1975). *Winnicott, A função de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil*. In: O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. (1984a). *Agressivité, culpabilité et réparation*. Paris: Petite Bibliothèque Payot.
- Winnicott, D. H. (1984b). *Deprivation and Delinquency*. London: Eds. Tavistock.
- Zimmerman, L. (2003). *Frankenstein, Invisibility and Nameless Dread*. *American Imago*, 60(2), Baltimore John Hopkins University Press.